

7 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

TEXTO E ENCENAÇÃO
ELMANO SANCHO

JESUS, O FILHO

COPRODUÇÃO
TEATRO DA TRINDADE INATEL, LOUP SOLITAIRE,
CASA DAS ARTES DE FAMILIÇÃO E TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

JESUS, O FILHO

Último texto da trilogia *A Sagrada Família* de Elmano Sancho

Jesus, o Filho retrata o universo contemporâneo, imprevisível, de perdas sucessivas e (in)esperadas: a perda da juventude, dos sonhos, da família, da identidade, da coragem, da integridade, da liberdade, da vida. O espetáculo é um *apokálypsis* (revelação, em grego), um auto da fé, uma imolação, um cerimonial poético-perverso sobre a despedida, o fim do mundo e a busca de salvação. Jesus, a personagem central - que não é Jesus, mas que não deixa de ser um "messias" - fala conosco sem artifícios, delivrando a sua coragem e inteligência. É um homem comum que não se deixa influenciar, que não muda de discurso, nem de tom de voz. Que se mostra firme e resistente, implacável na sua crítica ao mundo. Que ganha uma dimensão mítica e heróica, política e humana, que o distingue de todos os demais. Um homem que vai morrer, mas que continua onde está. Sendo o que é. Humano. Um homem-guia que tem medo, como todos nós, mas que continua vivo, no meio do horror e da morte.

O sacrifício íntimo de Jesus, o Filho, no espaço público da cena, é o ato de rebelião desesperado; o combate para recuperar a identidade perdida no massacre desleal da vida quotidiana. Mas, redentora, a confissão não perde nunca a faceta dura do interrogatório: a exposição, a humilhação e a violência. "Estou cansado, porque, a certa altura, a gente tem de estar cansada. De que estou cansado, não sei, de nada me serviria sabê-lo, pois o cansaço fica na mesma." (Fernando Pessoa in "A Mística do Instante" de J.T. Mendonça, 2015).

O espetáculo apresenta, como estrutura dramática/cênica, os passos da confissão e da reconciliação: o exame de consciência, o arrependimento, a confissão e o cumprimento da penitência.

O exame de consciência é o momento da confrontação; o silêncio que precede à autorreflexão.

O arrependimento é o resultado da análise individual do exame de consciência. Dele surge a possibilidade de transformação e redenção.

A confissão permite uma responsabilização individual e, em certa medida, coletiva.

Por fim, a penitência, surge como a possibilidade de reparar os danos causados e de alcançar a redenção.

A confissão existe porque a morte é uma evidência. *Le mal de vivre*, objeto de estudo de tantos filósofos, poetas, artistas da corrente existencialista, como Kierkegaard (existencialismo cristão), Heidegger (existencialismo ateu), Sartre (existencialismo agnóstico) encontra o seu fundamento no caráter definitivo da morte: passamos a vida a tentar entender o sentido da existência humana. Mas a confissão rapidamente se torna num processo *ad eternum* por não resolver nada de forma definitiva. É preciso regressar a ela, uma e outra vez, para atenuar a dor e a culpa.

O género confessional, apresentado por Rousseau como a vontade em ser sincero e humilde, abre aqui caminho para a revolução e a transformação através da dor. No entanto, na sociedade contemporânea, a dor tornou-se sinal de fracasso pessoal: a raiva, a dúvida,

o descontentamento, são abolidos para darem lugar à ideia de felicidade, suprimindo, nomeadamente, a dimensão social da dor.

A trilogia da Sagrada Família (*José, o Pai; Maria, a Mãe e Jesus, o Filho*) traz, portanto, não só o questionamento da família perfeita como ideal inalcançável, como restitui à dor a sua dimensão social, conferindo-lhe uma função entorpecedora e oferecendo a possibilidade de atenuar simbólica e coletivamente. Se formos privados do significado e da linguagem da dor, estamos declaradamente sós. Apresentar a dor como eua central do espetáculo é afirmar a própria vida como estrutura da dor. É inútil tentar eliminá-la da realidade; seria como abraçar a ficção, a alienação ou o delírio. No entanto, a dor não é tida em consideração no mundo digital. Somos performativos: sem falhas, distúrbios, angústias, emoções. Sofremos em silêncio e afastamo-nos, progressivamente, dos outros. A presença do oratório em cena vem lembrar o papel crucial do ritual: é preciso resgatar a poética da dor e reforçar o sentido de comunidade face ao individualismo crescente, permitindo, através da experiência ritualística e intimista, a reintegração física e espiritual do indivíduo e do grupo.

A personagem de Jesus pode assemelhar-se, em certa medida, aos *hikikomoris*. Estes indivíduos apresentam, geralmente, um transtorno caracterizado por um comportamento antissocial e evasivo que os fazem abandonar a sociedade. Escapam da realidade, isolam-se nos seus quartos, veem televisão, jogam computador, leem livros, assumem outras identidades; em suma, não suportam a dor provocada pela vida social. Este fenómeno, inicialmente circunscrito à sociedade japonesa, alastra-se, progressivamente, para o ocidente.

A globalização, a recessão económica, as mudanças na estrutura económica agravam-no. Os *hikikomoris* são vítimas do sistema; a exigência de um nível extremamente elevado de requisitos profissionais e pessoais, sem garantia de um emprego e um lugar digno na sociedade, obriga-os a refugiarem-se num mundo paralelo, mais seguro e menos hostil. Através de um processo litúrgico do quotidiano, validam, como podem, as suas vidas, libertando-se das dores infligidas pela sociedade.

Central na existência humana, a família, esfera privada que mede o mundo e reconstrói identidades, é a última esperança para estes indivíduos: vive-se em família e morre-se em família. O retorno de Jesus à família é um retorno a si mesmo. Mas o sofrimento habita todos os lugares. *Jesus, o Filho* - tragédia da identidade - aborda a incomunicabilidade, a descrença, a solidão, o desgaste e a reclusão.

Elmano Sancho





SALA ESTÚDIO
15 SET A 30 OUT
QUA A DOM 19:00

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Texto e encenação **Elmano Sancho**

Com **Elmano Sancho, Joana Bárcia, Vicente Wallenstein e Ruy de Carvalho** (voz-off)

Cenografia **Samantha Silva**

Desenho de luz **Pedro Nabais**

Figurinos **Ana Paula Rocha**

Confeção dos figurinos **Mestra Olga Amorim**

Assistência de encenação **Paulo Lage**

Direção de cena **Rosário Vale**

Operação de som e luz **Bernardo Martins e Pedro Gonçalves**

Fotografia de cartaz **Pedro Macedo / Framed Photos**

Fotografia de cena **Filipe Ferreira**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Loup Solitaire, Casa das Artes de Famalicão e Teatro Municipal de Bragança**

Parcerias **ACEGIS, ADEB, ADSCCL, Aguinenso, Apoiarte/Casa do Artista e Moinho da Juventude**

Apoios **Câmara Municipal de Lisboa e Fábrica das Boas Ideias**

Projeto financiado pela Direção-Geral das Artes

CONVERSA COM O PÚBLICO

2 OUT /Dom. após o espetáculo

Digressão

4 NOV - Casa das Artes de Famalicão | **17 NOV** - Teatro Municipal de Bragança | **25 NOV** - Cine-Teatro Avenida/Castelo Branco

9 DEZ - Teatro Diogo Bernardes/Ponte de Lima | **13 e 14 JAN'23** - Teatro Municipal Baltazar Dias

4 FEV'23 - Teatro Municipal da Guarda | **9 FEV'23** - Teatro das Figuras/Faro

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística

Diogo Infante

Direção Executiva

Hugo Paulito

Secretariado Direção

Elisabete Duarte

Tesouraria

Telmo Martins

Produção

Andreia Rocha, Maria Cancela

Comunicação

Raquel Guimarães (Coordenadora), **Adriano Filipe,**

Alexandra Gonçalves e Miguel de Jesus Pereira (Designer)

Acolhimento de Público

Rita Martins

Núcleo de Cena

Nuno Pereira (Coordenador)

Direção de Cena

Pedro Viegas e Rosário Vale

Iluminação

Bernardo Martins, Hugo Cochat

Som

Rui Santos

Audiovisuais

Antonio Pinto

Palco

Filipe Bastos, Pedro Viegas

Bilheteira

Beatriz Reis, Luísa Oliveira

Manutenção Geral

Vítor Albuquerque

Técnicas de Limpeza

Helena Gameiro (Encarregada), **Elsa Fernandes, Fernanda de Jesus**

Acolhimento / Portaria

Carla Aniceto e Ovisegur – Vigilância e Segurança Lda



www.teatrotrindade.inatel.pt